

LISETE ARELARO E O SOL DE MAIAKÓVSKI

Daniel Garcia



Professora Lisete Arelaro em assembleia da Adusp (2014)

“Incansável lutadora”, “liderança teórica e política incontornável nas questões relacionadas à educação pública”. Assim o *Informativo Adusp* definiu a professora Lisete Arelaro, ao noticiar seu falecimento, ocorrido em 12 de março de 2022, aos 76 anos de idade, em São Paulo. Foi uma tentativa razoável, porém insuficiente, de explicar quem foi Lisete.

Lisete Regina Gomes Arelaro, professora da Faculdade de Educação (FE-USP) desde 1982, tornou-se livre-docente em 2004 e professora titular do Departamento de Administração Escolar e Economia em 2009. Foi chefe do departamento e depois, de 2010 a 2014, diretora da FE. Em junho de 2021, já aposentada, recebeu o título de Professora Emé-

rita pela faculdade. Descrita simplesmente dessa forma, sua trajetória acadêmica pareceria convencional, ainda que exemplar. Lisete, porém, não cabe em sínteses padronizadas, como veremos.

Autora de um dos prefácios do livro *Escritos sobre Políticas Públicas em Educação* (2020), uma coletânea dos principais textos de Lisete publicada pela FE com o propósito de subsidiar a concessão do título de Professora Emérita, sua amiga e colega de faculdade Sonia Kruppa recorre ao poema “A extraordinária aventura vivida por Vladimir Maiakóvski no verão na datcha” (1920), no qual o poeta relata um “diálogo” com o sol, para retratar a personalidade cativante de Lisete.

“Você pensa que brilhar é fácil? Prove, p’ra ver!”, provoca o sol, na celebrada tradução do igualmente poeta Augusto de Campos. “Brilhar para sempre, brilhar como um farol, brilhar com brilho eterno, gente é p’ra brilhar”, diz Maiakóvski ao arrematar a hipotética conversa, “e que tudo o mais vá para o inferno”.

No entender de Sonia, tais versos “aplicam-se integralmente à pessoa e à trajetória profissional e política” de Lisete. “Lisete é como o sol cantado e homenageado pelo poeta, no compromisso alegre, vivo e profundo com a escola pública de qualidade, em que os ideais de justiça social não são apenas discurso, mas atividades e práticas consistentes”. É o que se revela ainda, acrescenta, “em diferentes momentos que antecedem e circundam sua atividade acadêmica” na FE, seja como estudante de mestrado, em 1968, sob orientação de Luis Pereira e, depois, de Maria da Penha Villalobos, seja quando inicia seu doutorado, sob orientação de José Mário Pires Azanha.

Sonia lembra que Lisete foi “aprovada no primeiro processo seletivo público para professores desta faculdade”, a FE que viria a ter um papel determinante na sua atuação como educadora e como pensadora da educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada: “Ainda que tenha tido incursões pela PUC de Campinas, onde fez sua graduação [1963-1966] e lecionou, e pela PUC de São Paulo, como professora e pesquisadora [1997], sua trajetória acadêmica centra-se na FE”, registrou.

É verdade. Mas, é bom que se diga, Lisete foi professora de ensino secundário na rede pública estadual (1968-1970) e depois assumiu funções de assessoria, coordenação e direção na Secretaria de Estado de Educação, onde trabalhou até 1997. Entre 1990 e 1997 foi diretora concursada da Escola Estadual

de Primeiro e Segundo Grau “Professor Cândido Gonçalves Coutinho”. Portanto, conhecia bem os problemas do ensino público estadual, que, posteriormente, trataria de estudar em profundidade em diversas pesquisas levadas a cabo na FE.

“Não à toa, em seu memorial ao concurso de livre-docente [...] Lisete se autodenominou ‘caixeira viajante da Educação’: trinta e dois anos de atividades de magistério no serviço público estadual, além do tempo dedicado à Universidade de São Paulo”, escreveu Sonia. Paralelamente a esse percurso, outra experiência notável: integrou a equipe do professor Paulo Freire quando ele esteve à frente da Secretaria Municipal da Educação da capital paulista, na gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1992).

“Tinha duas qualidades essenciais como gestora pública: clareza política e perícia administrativa. Sabia o que fazer e por que fazer”, diz Mário Cortella sobre a atuação de Lisete na gestão de Paulo Freire. Nunca, acrescenta, subordinou “a clareza política à perícia administrativa”

O filósofo e educador Mário Sérgio Cortella, que trabalhou com ela durante a gestão de Freire, relembrou em fortes pinceladas a atuação de Lisete, em homenagem organizada pelo Coletivo Paulo Freire em agosto de 2022. “Lisete foi gestora pública em várias arenas: foi gestora de escola pública, foi gestora de secretarias municipais de Educação, como São Paulo e Diadema, foi gestora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Portanto, ela tem toda uma trajetória no mundo da gestão pública”, destacou Cortella. “Tinha duas qualidades essenciais como gestora pública: clareza política e perícia administrativa. Ela sabia o que fazer, e a gente recorria a ela o tempo todo; e ela sabia *por que* fazer. Uma das coisas especiais da capacidade da Lisete é que ela em momento algum subordinou a clareza política à perícia administrativa”.

O relato de Cortella evidencia suas qualidades como assessora do então secretário municipal da Educação: “A clareza política da Lisete era tão grande que às vezes eu atravessava [o prédio], como chefe de gabinete que era, ou até



Com Paulo Freire: experiência marcante na Prefeitura de S. Paulo (1989-1992)



No evento USP Talks, em 2016

a pedido do professor Paulo Freire, ia até a Lisete do outro lado, e dizia [mostrando um papel]: ‘Isso não dá’, e a Lisete dizia: ‘Isso não pode, ou isso não dá?’. Eu dizia: ‘Não, isso não dá’. Ela dizia: ‘Por que não dá? Porque a legislação permite’. Eu digo: ‘Sim, mas não foi feito’. Ela dizia: ‘Nós vamos fazer’”.

Ele também conta que era comum procurar por ela, na secretaria, e ter dificuldades para encontrá-la, por estar “escondida” em meio a pilhas e mais pilhas de processos administrativos que precisavam ser lidos. Chamava por ela, e então ouvia, de algum lugar em meio à papelada: “Estou aqui”. Era, considera ele, uma “gestora pública admirável, decente, capaz e acima de tudo alguém que podia fazer tudo aquilo com alegria”. Sonia Kruppa é outra que menciona essa atividade invisível: “Era uma leitora ávida das coisas, e boa escriba. Cada parecer que ela dava num processo era um testemunho, era uma delícia ler depois, porque tinha uma fundamentação”.

Podemos agora retornar ao seu percurso formativo. Lisete graduou-se em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp) em 1966. Em 1980 obteve o mestrado e em 1988 o doutorado em Educação, ambos em São Paulo, pela FE. Em 1990 cursou pós-doutorado na

Universidade Livre de Barcelona. Tornou-se livre-docente na USP em 2005, ao ter aprovada a tese “Os Fundos Públicos no Financiamento da Educação — o caso Fundeb: Justiça Social, Equívoco Político ou Estratégia Neoliberal?”, na qual examinou as contradições do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

Enquanto exercia a docência na USP, por duas vezes Lisete foi secretária municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Diadema (1993-1996 e 2001-2002). Posteriormente, presidiu o Fórum Nacional de Faculdades e Centros de Educação Públicos (2012-2014) e a Associação Nacional de Pesquisa em Financiamento da Educação (Fineduca, 2015-2017). Integrou, por décadas, o Grupo de Trabalho de Política Educacional da Adusp (GTPE). Atuou ainda na Associação Nacional de Edu-

cação (ANDE), na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e no Centro de Estudos, Educação e Sociedade (Cedes).

Suas pesquisas na FE tratavam de temas candentes da educação pública, relacionados à política educacional, ao financiamento da educação básica e à carreira do magistério, sempre sob uma perspectiva antineoliberal e fundada no pensamento crítico. Por exemplo: “Análise das consequências de parcerias firmadas entre municípios brasileiros e a Fundação Ayrton Senna para a oferta educacional (2007-2010)” estudou os efeitos na oferta e na gestão da educação pública dos programas “Gestão Nota 10” e “Escola Campeã”, que resultaram de parcerias firmadas entre municípios brasileiros e aquela instituição privada.

Outro exemplo na mesma linha foi “Parcerias público-privado: Estratégias de Municípios brasileiros para o atendimento educacional, 2007 a 2012”, a partir da constatação de que mais de 200 municípios paulistas, dos 645 existentes, vinham praticando parcerias com entidades privadas. O projeto, que implicou 18 estudos de caso, analisou parcerias para manutenção de creches, parcerias de gestão educacional e as de compra de material pedagógico.

Em artigo prestes a ser publicado¹, Rubens Barbosa de Camargo e Angela Rabello Tamberlini destacam algumas características essenciais das pesquisas de Lisete. “Sua produção acadêmica sempre teve algumas marcas indeléveis. Em primeiro lugar, sempre foi uma produção crítica e imersa nas questões de seu tempo uma vez que fazia questão de se envolver na discussão, na produção e na crítica dos diferentes caminhos da política educacional brasileira”, anotam. “Em segundo lugar, quase sempre foi uma produção coletiva, pois acreditava no trabalho com seus pares (acadêmicos, políticos, educacionais, sindicais e sociais) com os quais se identificava. Em terceiro lugar, sua produção sempre foi amparada numa perspectiva marxista e gramsciana, portanto, marcada por conceitos e categorias de análise como ‘exploração’, ‘dominação’, ‘luta de classes’, ‘ideologia’, ‘desigualdade estrutural’, ‘utopia’, ‘emancipação’, ‘transformação social’, ‘construção de hegemonia’, ‘interesses econômicos’, ‘conflito social’, ‘democracia’ entre outras”.

Uma faceta importante da atividade política de Lisete foi a participação em disputas eleitorais. Candidata a deputada estadual em 2002 pelo PT, obteve expressivos 34 mil votos. Em 2018, foi candidata do PSOL ao governo estadual

Lisete é coautora de *Às portas da universidade: alternativas de acesso ao ensino superior* (Xamã, 2012), com Gilberto



Lisete durante o “Abraço ao Hospital Universitário” (2017)

Cunha Franca e Máira Tavares Mendes; *Educação e Políticas Públicas* (Xamã, 2002) e *Progressão Continuada x Progressão Automática* (Cortez, 2002), ambos com Ivan Valente. Organizou *Direitos Sociais, Diversidade e Exclusão. A Sensibilidade de quem as vive* (Mercado das Letras, 2018). É autora ou coautora de 35 capítulos de livros e de diversos outros escritos.

Uma faceta importante da atividade política de Lisete foi sua participação em disputas eleitorais proporcionais e majoritárias. Foi candidata a deputada estadual em 2002, pelo PT, ocasião em que obteve expressivos 34 mil votos. Vol-

taria aos palanques em 2018, quando candidatou-se a governadora de São Paulo pelo PSOL e obteve 507 mil votos. Diferentemente da vez anterior, quando teve chances reais de eleger-se, nesta oportunidade Lisete sabia que estava cumprindo um papel político simbólico, embora relevante. De qualquer modo, saiu-se muito bem nos debates de TV.

Outro aspecto interessante da sua biografia, talvez surpreendente, é que Lisete tinha formação musical e por três anos (1963-1966) atuou no Conservatório Musical de Campinas (CMC), lecionando história da música, pedagogia musical, teoria e solfejo, composição e piano.

Colaborador de Lisete em diversas atividades ao longo de muitos anos, o professor Rubens Barbosa Camargo, da FE, emocionou-se ao falar dela durante a homenagem prestada pelo Coletivo Paulo Freire. Numa apresentação sobre a amiga, destacou diferentes aspectos de sua experiência pessoal (“perseguida política, presa na Ditadura, assessora parlamentar”), mas também de sua atividade intelectual: “freireana, marxista, leninista, comunista, gramsciana, dialética, contraditória”.

(Paulo Hebmüller e Pedro Pomar)

Nota

1 “Lisete Arelaro: densidade acadêmica e luta política pavimentando o caminho do esperar”, revista do Cedes.